



RODRIGUES, Marcel Henrique. **Maçonaria e Simbologia**: uma análise do preconceito através da História e da Psicologia. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014. 184 p.

Eduardo José Neves Santos¹

A temática da Maçonaria, em suas variadas abordagens, se mostra significativa para se compreender a formação das racionalidades e do universo simbólico que permeiam a sociedade contemporânea, uma vez que suas práticas e associações decorrem de tempos longínquos, perpassando o ser social em diversos momentos de nossa história e trazendo consigo as marcas do tempo, suas introjeções e apropriações.

Importante articuladora das redes sociais existentes no Brasil Oitocentista, movimentando-se ativamente no que tange ao jogo político, a Maçonaria se mostrou presente em momentos de monta em nossa história contemporânea, e na atualidade permanece presente na realidade social de muitas municipalidades, seja por meio de ação direta nas comunidades ou através da simbologia, que cristaliza a influência e/ou resquícios da sociedade maçônica. Outrossim, a Maçonaria remonta a uma série ideológica que transcende as barreiras oceânicas e temporais do século XIX brasileiro, e traz consigo uma soma ritualística que, de acordo com o período histórico no qual está inserida, foi alvo de duros ataques no que concerne as suas relações com um suposto mal sobrenatural, que reverberou na constituição de um preconceito que se manifesta até a atualidade.

Neste sentido, a publicação de Marcel Henrique Rodrigues – **Maçonaria e Simbologia**: uma análise do preconceito através da História e da Psicologia – surge no horizonte da investigação científica, ansiando pela busca elucidativa da maneira com que este preconceito se desenvolveu e permanece latente na contemporaneidade. Para tanto, lança mão de uma análise que se fundamenta na apreciação crítica da simbologia, apropriando-se dos aportes teóricos metodológicos fornecidos pela História e pela Psicologia.

Resenha recebida em 09 de janeiro de 2015 e aprovado em 16 de setembro de 2015.

¹ Graduando em História pela Faculdade de Ciências e Letras- UNESP/ Campus de Assis e bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: eduardo-neves@outlook.com.br

A problemática de pesquisa de Rodrigues debruça-se, sobretudo, na compreensão da ideia de que a Maçonaria, seus símbolos, rituais e segredos – difundidos apenas entre um grupo seleto de indivíduos –, se relacionam diretamente com o exercício de fins maléficos e satânicos. Desta maneira, o pesquisador empreende sua publicação vislumbrando compreender as relações existentes entre a discriminação dos símbolos, sua utilização no âmbito religioso ou não e o desenvolvimento do preconceito que acometeu a Ordem Maçônica, na denominada “queda do simbólico”.

Tendo em vista o explanado, a publicação em um primeiro momento explora uma abordagem antropológica dos símbolos religiosos, contemplando questões como os rituais de morte e renascimento, assim como um retrospecto dos primórdios constitutivos das sociedades secretas. Em um segundo momento, Rodrigues direciona seu olhar para o misticismo ocidental, empreendendo um quadro histórico esclarecedor sobre o desenvolvimento e mudanças substanciais da Maçonaria no medievo, no período moderno e na contemporaneidade. Por fim, em um terceiro momento, o pesquisador focaliza a “queda do simbólico”, abordando aspectos histórico-psicológicos, bem como analisando a simbologia maçônica.

Rodrigues, inicialmente, empenha-se em uma análise bibliográfica sobre os primórdios das sociedades secretas, remontando a questões relevantes como os rituais de iniciação, propondo que cada rito de passagem tem um significado simbólico de transição para uma nova realidade, assim como as possibilidades de existência das ditas sociedades em tempos longínquos e em diferentes contextos sócio históricos. Para tal apreciação, o pesquisador utiliza-se, entre outros, de Mircea Eliade e Joseph Campbell, propondo uma discussão a respeito da importância e limiar do “segredo” contido nas sociedades secretas, assim como a explicação da maneira com que as questões de gênero permeavam estes ambientes.

Assim, Rodrigues, reportando-se aos rituais de morte, relaciona estes últimos ao renascimento, uma vez que através da morte era possível tomar-se de um novo impulso de vida, uma nova realidade ou/e de um novo sentido de vida. Desta maneira, a publicação reporta às modificações substanciais que acometeram estes rituais, ao passo que a postura de morte física inicial foi sendo substituída, concomitantemente, à mudança de mentalidade, rumo à morte simbólica.

Tendo perpassado pelos elementos que possibilitam a compreensão dos conceitos fundamentais que o autor deseja abordar, a publicação, em um segundo momento, vislumbra traçar as principais características das sociedades secretas que se desenvolveram desde a Idade Média. Isso porque, segundo Rodrigues, o retrospecto possibilita o entendimento do cenário contemporâneo de preconceito em que se situa a Maçonaria, já que se pode apreender os enraizamentos dos processos construtores das ideias que relacionam satanismo e maçons.

Sendo assim, o pesquisador explicita a questão do Cristianismo e as modificações provocadas por ele no mundo ocidental. Segundo Rodrigues, se observa uma substituição à cultura pagã e a cristianização de símbolos desta última, sendo que a associação das práticas pagãs às ações demoníacas era um dos meios que possibilitavam a supremacia do Cristianismo.

No que tange a Idade Média, o autor remonta aos Cavaleiros Templários, que se tornaram uma sociedade secreta beneficiada, sobretudo pelo enriquecimento cultural proporcionado pelas viagens que empreendiam. Todavia, com a subida ao papado de Clemente V e a condição econômica deficitária do governo de Felipe IV, os Templários passaram a ser alvo de diversas acusações de crimes e de praticar atos que estavam em desacordo com a Igreja, como questões demoníacas.

Nesta mesma seção da publicação, o pesquisador também se empenha em desenvolver o contexto em que os primeiros maçons que se tem notícia apareceram, explicitando as questões referentes às suas práticas nas associações de pedreiros, nas guildas e na construção de catedrais. Aqui, Rodrigues objetiva analisar o que concerne aos “segredos arquitetônicos”, uma maneira de guardar e perpetuar os meios de construção. Sobre este último aspecto, a pesquisa também traz à tona a hipótese de que simultaneamente a um grupo que guardava segredos relacionados à construção, os pedreiros também constituíam um grupo filosófico, que se dedicava ao estudo de símbolos e do esotérico.

Em relação à Idade Moderna, Rodrigues vislumbra compreender a passagem a uma “Maçonaria Especulativa”, uma vez que ela deixa de ser operativa e passa a ser filosófica. O pesquisador, neste sentido, procura evidenciar que o objetivo substancial deste período era a formação de um indivíduo perfeito por meio de uma construção de cunho simbólico. Sendo assim, através da iniciação, indivíduos que não figuravam nos círculos dos

pedreiros, passaram a ter contato como o “segredo”, sendo que neste momento, avulta-se a condenação à Maçonaria. O autor, para tanto, analisa uma bula papal que se dirige contrariamente às atividades da fraternidade, que, segundo o documento, trama malignidades contra Jesus Cristo.

No que tange a Era Contemporânea, a publicação se dirige a importância de Léo Taxil, responsável pela criação da farsa que conseguiu a aderência do Papa Leão XIII e colaborou para a construção do preconceito sobre a Maçonaria. Taxil, quando se toma pelo Cristianismo, passa a empreender duros golpes contra os maçons, acusando-os de práticas satanistas, de rituais macabros e associando a Ordem Maçônica como herdeira de Lúcifer, o que foi desmentido publicamente quando chamado a comprovar suas acusações. Todavia, o propagado por ele se enraizou e aparece muito vivo na coletividade.

A publicação, em um último aspecto se dirige a análise dos símbolos maçônicos, como o pentagrama, o hexagrama, o esquadro e o compasso e também o bode, que apesar de não se encontrar vestígios de sua utilização, permanece intrinsecamente ligado à Maçonaria no âmbito popular. Neste sentido, o autor deseja desenvolver as principais vertentes interpretativas que se dedicam a compreender a utilização destes símbolos.

Tendo em vista o elucidado, Rodrigues, em sua empreitada pela compreensão da “queda do simbólico”, utiliza-se das contribuições da Psicologia de Carl Jung, relacionando a simbologia aos aspectos relativos à construção da vivência humana e o esvaziamento do simbólico na contemporaneidade, quando os vários sentidos e entendimentos contidos nos símbolos são substituídos por dogmas. Para o pesquisador existe uma intrínseca relação entre o preconceito contra a Maçonaria e a transmissão, ao longo do tempo, de ideias que incutem aos maçons, rituais diabólicos. Deste modo, encontra-se o sentido fundamental do subtítulo da publicação, que por um lado sugere uma análise que se focaliza nos resquícios e elementos constitutivos do preconceito através da História e, por outro, a maneira com estes elementos influíram no inconsciente coletivo e foram sendo perpetuados até a atualidade.

Em suma, pesquisas que se dediquem a estas questões contribuem para o conjunto de estudos acadêmicos e auxiliam na compreensão das relações sociais que permeiam nossa vivência, assim como no entendimento da formação de estereótipos e preconceitos. Neste sentido, estudos que vislumbrem analisar criticamente a dimensão da influência maçônica no Brasil, e também em um contexto mais amplo, destacando sua movimentação

social na vida cotidiana, adicionados aos elementos já elucidados pelas argumentações de Rodrigues, colaboram para a expansão do conhecimento científico produzido sobre a Maçonaria.

Maçonaria e Simbologia: uma análise do preconceito através da História e da Psicologia, desta maneira, apresenta-se como relevante estudo sobre o preconceito em relação aos maçons, suas práticas e ritualísticas, mostrando-se coerente em relação à proposta de pesquisa e apresentando uma problemática de extrema importância.